

## *Senhores de poucos escravos: análise de uma área periférica – Alto do Termo da Borda do Campo/MG, século XIX*

**Lords of few slaves: analysis of a peripheral area – Alto do Termo da Borda do Campo/MG, XIX century**

Ana Paula Dutra Bôscaro

Mestranda em História

Universidade Federal de Juiz de Fora

Paulinha\_gdac@hotmail.com

Recebido: 16/08/2014

Aprovado: 29/06/2015

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento, cujo principal objetivo consiste na análise da composição social dos domicílios presentes no Alto do Termo da Borda do Campo, Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, século XIX. Esta região fazia parte da fronteira dos grandes núcleos mineradores do século XVIII, era composta primordialmente por pequenas propriedades com atividades voltadas inicialmente para a mineração, associada às atividades vinculadas ao abastecimento interno. Temos como objetivo inicial apresentar os principais aspectos dos seis povoados que compunham a localidade, passando posteriormente a uma análise mais detalhada daquelas propriedades que contavam com até três cativos. A partir da análise da Lista Nominativa para o ano de 1831, buscaremos expor as principais características sócio-demográficas destes pequenos proprietários, bem como apresentar algumas particularidades das pequenas escravarias presentes na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escravidão, Século XIX, Demografia.

**ABSTRACT:** This paper presents the initial results of a study still in progress, whose main goal is the analysis of the social composition of domiciles present in the Alto do Termo da Borda do Campo, Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, nineteenth century. This region was part of the border of the great mining centers of the eighteenth century, composed primely of small properties with activities initially focused on mining, associated with activities related to domestic supply. We have as initial objective, presenting the main aspects of the six villages that made up the town, passing later to a more detailed analysis of those properties with up to three captives. From the analysis of Nominative List for the year 1831, we will seek to explain the main socio-demographic characteristics of these smallholders as well as present some particularities of slave-holders in the region.

**KEYWORDS:** Slavery, Nineteenth Century, Demography.

## A composição social do Alto do Termo da Borda do Campo

Na área mais alta do Termo da Borda do Campo, região próxima a Barbacena, estava localizado o Alto do Termo da Borda do Campo, uma localidade composta por seis povoados: Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca, Santa Rita do Ibitipoca, Ribeirão de Alberto Dias, Ibertioga, Santana do Garambéu e São Domingos da Bocaina. Esta localidade caracterizava-se por ser mais afastada dos grandes centros de revenda de produtos locais, com terras pouco férteis e a presença de serras muito íngremes que acabavam por dificultar a fixação de agrupamentos humanos no local<sup>1</sup>.

Por meio da análise da Lista Nominativa para o ano de 1831<sup>2</sup>, buscaremos destacar os principais aspectos da população livre e escrava que compunha a localidade. Esta análise permitiu-nos desvendar o perfil dos proprietários presentes no local, bem como perceber como estava distribuída a mão de obra cativa nas propriedades. Ademais, foi-nos possível compreender como estes proprietários buscavam repor suas escravarias, se via tráfico ou reprodução natural, além de apurar a origem, o sexo e o estado-civil dos mancipios presentes no local, o que muito contribuiu para a caracterização e melhor conhecimento do espaço por nós analisado.

Todavia, cabe-nos ressaltar que embora a análise da composição social destes seis povoados tenha sido feita separadamente, analisando um povoado por vez, optamos por

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. Avô imigrante, pai lavrador, neto cafeicultor: análise de trajetórias intergeracionais na América Portuguesa (séculos XVIII e XIX). In: *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 27, p. 625- 644, 2011. p. 631.

<sup>2</sup> Vale ressaltar que as Listas Nominativas de Habitantes também conhecidas como censos ou recenseamentos demográficos, são fontes de grande valia para os historiadores, pois permitem a estes conhecer os mais diversos aspectos da população presente em uma dada localidade. A análise destes documentos permitiu-nos ter acesso a uma gama de informações, como por exemplo: o número de domicílios presentes na localidade, a composição social destes fogos, o número de crianças, idosos, o estado-civil, e também a ocupação desempenhada por estes homens e mulheres, livres e cativos que compunham os seis povoados do Alto da Borda do Campo. Devido a sua grande importância, no transcurso das últimas três décadas as Listas Nominativas de Habitantes de 1831-32 constituíram-se como a base de dados demográficos mais utilizada por pesquisadores da história de Minas Gerais, contribuindo sobremaneira para o melhor conhecimento de nosso território. Neste sentido ver: GODOY, Marcelo Magalhaes; PAIVA, Clotilde Andrade. Um estudo da qualidade da informação censitária em listas nominativas e uma aproximação da estrutura populacional da província de Minas Gerais. In: *Revista Brasil. Estado e População*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 161-191, jan./jun. 2010; BRUGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal: Família e Sociedade* (São João Del Rei – Século XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007; LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos em Minas Gerais (1718). In: BARRETO, A.E.M. et alii. *História Econômica: Ensaios*, São Paulo, IPE/USP, p. 25-41, 1982; LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais do século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988, dentre outros.

apresentar os resultados obtidos em conjunto, pois a demanda de tempo e espaço para apresentar os resultados individuais verificados para cada núcleo seria demasiadamente extenso. Desta forma, através do exame da Lista Nominativa foi-nos possível contabilizar um total de 3283 indivíduos livres, ou seja, 57% da população geral. Já os escravos representaram 43% da população, perfazendo um total de 2454 cativos. O quadro abaixo nos permite uma melhor visualização acerca da composição social da população presente na localidade:

**Quadro 1: População Livre x Escrava (%) – Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**

POVOADO	LIVRES		ESCRAVOS		TOTAL
Ibertioga	413	51%	403	49%	816
N.S. da Conceição do Ibitipoca	691	61%	438	39%	1129
Ribeirão de Alberto Dias	593	60%	392	40%	985
Santa Rita do Ibitipoca	652	51%	628	49%	1280
Santana do Garambéu	514	64%	287	36%	801
São Domingos da Bocaina	420	58%	306	42%	726
<b>Total</b>	<b>3283</b>	<b>57%</b>	<b>2454</b>	<b>43%</b>	<b>5737</b>

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

Destes 3283 indivíduos livres, percebemos a presença daqueles indivíduos designados pela Lista como “brancos livres” e também daqueles indivíduos livres listados como pardos, crioulos, africanos ou mestiços, denominados por nós como “não brancos livres”<sup>3</sup>. Estes não brancos livres corresponderam a um total de 1443 indivíduos, ou seja, representaram 44% da população livre local. Entre estes houve o predomínio dos pardos, os quais chegaram a corresponder a 78% deste grupo, isto é, 1129 homens e mulheres. Os

<sup>3</sup> A denominação de “não brancos livres”, “livres de cor”, “livres não brancos”, são algumas das designações empregadas para classificar os indivíduos pardos, crioulos, africanos, mestiços e cabras livres. Neste sentido ver: MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: Os significados da liberdade no Sudeste escravista — Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995; MACHADO, Cacilda. Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, passagem do século XVIII para o XIX. In: *Topoi*. v. 9, n. 17, jul-dez. 2008. p. 45-66.

crioulos representaram 14,5%, os africanos 6% e os mestiços apenas 1,5%, o equivalente a 210, 87 e 22 indivíduos respectivamente.

Muitos foram os indivíduos pardos, crioulos, africanos e mestiços presentes na localidade. Mas afinal, como explicar este elevado percentual de não brancos livres entre a população que compunha o Alto da Borda do Campo? A nosso ver, a grande proporção de livres de cor presentes na localidade, justificar-se-ia pelas próprias características locais dos seis povoados por nós analisados. De acordo com Sheila de Castro Faria, estes homens e mulheres livres e de cor tendiam a permanecer por muito pouco tempo em um mesmo lugar, sendo a capacidade de se locomover uma constante na vida destes indivíduos. Ao analisar o comportamento da população forra e liberta da freguesia de São Salvador dos Campos dos Goitacazes, a autora pôde perceber que estes não brancos livres buscavam se fixar principalmente em áreas em expansão, ou seja, em áreas de fronteira aberta, por serem os locais aonde o acesso a terras e escravos lhes eram mais exequível<sup>4</sup>.

Assim, embora a maior parte destas áreas fossem altamente perigosas e ainda não desbravadas, muitos ex-escravos e seus descendentes viram nestes locais a possibilidade de produção autônoma, e a chance de se estabelecerem longe do domínio de senhores e proprietários de terras. Segundo Faria, as áreas de fronteira aberta eram ocupadas inicialmente por estes homens e mulheres não brancos livres, e a posteriori pelos grandes potentados rurais que por meio da doação de sesmarias ampliavam os limites de suas terras e se estabeleciam em grandes unidades produtivas<sup>5</sup>.

Neste sentido, tomando como base as argumentações da autora supracitada, aventamos a hipótese de que o Alto do Termo da Borda do Campo, tal como a maior parte das áreas em expansão, configurou-se ao longo do século XVIII e XIX como um pólo atrativo para esta parcela da população, explicando assim o alto percentual de não brancos livres dentre a população que compunha os povoados de Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca, Santa Rita do Ibitipoca, Ribeirão de Alberto Dias, Ibertioga, Santana do Garambéu e São Domingos da Bocaina.

---

<sup>4</sup> FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em momento: família e fortuna no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 114.

<sup>5</sup> FARIA, Sheila de Castro. *Op., cit.*, p. 128-129.

Outro aspecto interessante que nos foi possível perceber ao longo da análise da Lista Nominativa foi à escassez do termo “forro”, uma vez que dos 1443 indivíduos não brancos livres apenas 47 foram assim listados. Os demais ora apareciam designados como “livres”, ora apareciam como “sem informação”<sup>6</sup>. A pouca utilização deste termo nos levou a aventar a hipótese de que nesta localidade os crioulos, africanos e os mestiços livres poderiam estar sendo listados como pardos, justificando a supremacia destes indivíduos entre os não brancos livres.

Entretanto, para além da hipótese por nós elaborada, cabe-nos perceber que as designações sob a cor ou a condição dos indivíduos nas Listas Nominativas não obedeciam a um padrão oficial de nomenclatura. Assim sendo, durante a análise destes documentos faz-se necessário considerar como as expressões eram definidas nas situações locais, como também atentar-se para o fato de que nem sempre existiu uma consonância entre os termos utilizados pelos recenseadores que fizeram os censos demográficos<sup>7</sup>.

Descrito o perfil da população livre presente nos seis povoados do Alto da Borda do Campo, passaremos a analisar a população cativa encontrada nesta localidade. Como vimos no quadro acima exposto, os cativos representaram 43% da população local da região, ou seja, dos 5737 indivíduos contabilizados na Lista de 1831, 2454 eram escravos, número bastante expressivo se considerarmos ser esta uma área periférica, de inserção econômica relativamente modesta e mais afastada dos grandes centros mineradores do século XVIII.

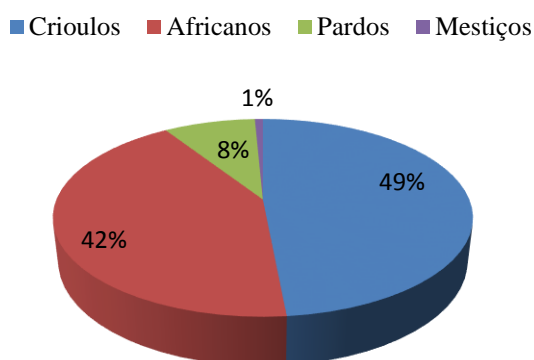
---

<sup>6</sup> Sobre a presença dos libertos nas Listas Nominativas ver: KLEIN, Herbert S. & PAIVA, Clotilde A.. Libertos em uma Economia Escravista: Minas Gerais em 1831. In: *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 27, n. 2, p.309-335, maio-agosto 1997; LIBBY, Douglas C. A empiria e as cores: representações identitárias nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, Eduardo F.; IVO, Isnara P.; MARTINS, I. C. (Orgs.). *Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais*. São Paulo: Annablume, 2010; LIBBY, Douglas C.; GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. Reconstruindo a liberdade: alforrias e forros na freguesia de São José do Rio das Mortes, 1750-1850. In: *Varia História*. Belo Horizonte, v. 30, p. 112-151, 2003.

<sup>7</sup> A esse respeito ver: BACELLAR, Carlos A. P. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. In: *Revista Locus*. Juiz de Fora, v. 14, p. 107-124, 2008; BRUGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal*, 2007, p. 296; GODOY, Marcelo Magalhaes; PAIVA, Clotilde Andrade. Um estudo da qualidade da informação censitária em listas nominativas e uma aproximação da estrutura populacional da província de Minas Gerais, 2010; GUEDES, Roberto. *Escravidão e Cor nos censos de Porto Feliz (São Paulo, século XIX)*. Especiaria (UESC), v. 10, 2009, p. 504; MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p 16-17. MACHADO, Cacilda. Sobre a cor de escravos e livres pobres da freguesia de São José dos Pinhais (do séc. XIII para o XIX). In: *XII Encontro Regional de História - ANPUH- Rio de Janeiro*, 2006, p. 05.

Ao verificar o perfil dos escravos presentes nesta localidade foi-nos possível contabilizar a presença de 1039 cativos africanos, 1190 mancípios crioulos, 207 escravos pardos e apenas 18 mestiços. O gráfico abaixo é bastante elucidativo:

**Gráfico 1: Origem dos Escravos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



Fonte: Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR.

De acordo com as porcentagens acima apresentadas, cabe-nos destacar que entre a população cativa presente no Alto da Borda do Campo houve o predomínio, ainda que diminuto, dos escravos crioulos sob os africanos. Não obstante, o número de africanos não pode ser menosprezado, uma vez que chegou a representar 42% do contingente mancípio da localidade. Estes dados nos permitem inferir que muito provavelmente a reposição da mão de obra cativa da localidade se dava por duas formas distintas, porém não excludentes: a reprodução natural e a reposição via tráfico<sup>8</sup>.

Outro dado que nos permitiu confirmar esta provável recorrência ao tráfico de escravos por parte destes proprietários, foi o elevado percentual de homens entre os cativos africanos<sup>9</sup>. O quadro abaixo nos mostra a razão de sexo entre os mancípios contabilizados:

<sup>8</sup> Douglas Libby foi um dos primeiros estudiosos a defender a relação complementar existente entre o tráfico de escravos e a reprodução natural, ambos atuantes na renovação da força de trabalho nos primeiros anos de século XIX. Neste sentido ver: LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista*, 1998. p. 123.

<sup>9</sup> Conforme as constatações de Stuart Schwartz e Manolo Florentino, um dos efeitos do tráfico de escravos na estrutura demográfica de uma determinada localidade foi, principalmente, o desequilíbrio sexual a favor dos cativos homens. Neste sentido ver: SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 286-290; FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 50-60.

**Quadro 2: População Escrava: Razão de sexo (%) – Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**

Sexo	Africanos	%	Crioulos	%	Pardos	%	Mestiço	%
<b>Homens</b>	741	71,3%	585	49,2%	98	47,3%	9	50%
<b>Mulheres</b>	298	28,7%	605	50,8%	109	52,7%	9	50%
<b>TOTAL</b>	1039	100%	1190	100%	207	100%	18	100%
<b>Razão de sexo</b>	<b>248,66</b>		<b>96,69</b>		<b>89,91</b>		<b>100,00</b>	

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

\* Cabe-nos esclarecer que as razões de sexo são calculadas dividindo-se o número de homens pelo número de mulheres de uma dada população e multiplicando o resultado por cem. Lê-se o resultado como a expressão o número de homens para cada 100 mulheres. Neste sentido, se o resultado for igual ou próximo a 100, podemos concluir o equilíbrio dos sexos; valores menores do que 100 mostram predomínio feminino, enquanto que os valores superiores a 100 revelam predomínio masculino. (Grifos nossos).

Se a razão de masculinidade entre os mancipios africanos permitiu-nos ratificar que um dos caminhos utilizados por estes proprietários para reposição da mão de obra de suas escravarias foi o acesso ao tráfico de escravos, o relativo equilíbrio entre o sexo dos cativos crioulos, pardos e mestiços comprovou-nos que além do tráfico estes homens e mulheres chefes de domicílio utilizaram-se também do crescimento vegetativo<sup>10</sup>. Outro fator que nos possibilitou confirmar a presença da reprodução natural como uma das vertentes utilizadas para o crescimento e/ou manutenção da população cativa presente na localidade, foi a elevada proporção de crianças crioulas sob as africanas.

**Quadro 3: População Escrava: Crianças cativas (%) – Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**

POVOADOS	CRIANÇAS CRIOULAS	CRIANÇAS AFRICANAS	CRIANÇAS PARDAS	CRIANÇAS MESTIÇAS	TOTAL DE CRIANÇAS COM ATÉ 14 ANOS		TOTAL DE ESCRAVOS (Geral)
<b>Ibertioga</b>	80	11	14	--	105	26%	403
<b>N.S. C. de Ibitipoca</b>	108	33	6	1	148	33,7%	438
<b>Ribeirão de Alberto Dias</b>	74	9	15	10	108	27,5%	392
<b>Santa Rita do Ibitipoca</b>	143	26	23	--	192	30,5%	628

<sup>10</sup> A esse respeito ver: MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: FAFESP. Annablume, 1999, p. 262; PAIVA, Clotilde Andrade & BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. População e espaço no século XIX mineiro: algumas evidências de dinâmicas diferenciadas. In: *Anais do VII Seminário Sobre a Economia Mineira*. Diamantina (MG), 6 a 10 de junho de 1995, vol. 1, p. 103.



<b>Santana do Garambéu</b>	78	31	4	--	113	39,3%	287
<b>São Domingos da Bocaina</b>	87	1	12	--	100	32,6%	306
<b>TOTAL</b>	<b>570</b>	<b>111</b>	<b>74</b>	<b>11</b>	<b>766</b>	<b>31,2%</b>	<b>2454</b>

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

Ana Paula Rangel e Adriano Braga Teixeira, ao abordarem a região de Barbacena nas primeiras décadas do século XIX apresentam tendências demográficas semelhantes. Nos trabalhos destes autores ficou evidente o maior número de crioulos em termos gerais, bem como a superioridade numérica dos homens entre os africanos. Tais estudiosos puderam constatar também o maior percentual de crianças crioulas, concluindo que a inserção do tráfico não anulava o papel da reprodução endógena no quadro de reposição do contingente cativo da região<sup>11</sup>.

Além da origem dos cativos, da razão de sexo e da porcentagem de crianças crioulas, africanas, pardas e mestiças presentes nos seis povoados por nós analisados, o exame da Lista Nominativa permitiu-nos verificar também o estado-civil destes mancipios. Assim, dos 2454 escravos, 1291 foram designados como solteiros, 539 arrolados como casados, 127 descritos como “sem informação” e apenas 13 listados como viúvos. De acordo com os números expostos, foi-nos possível concluir que 53% da população cativa presente na localidade foram designados como solteiros e 22% como casados.

Todavia, os resultados referentes ao estado civil dos mancipios presentes no Alto do Termo da Borda do Campo permitiu-nos contemplar apenas parte desta realidade, uma vez que para que estes dados fossem confirmados seria-nos necessário realizar o cruzamento entre a Lista de 1831, os inventários *post-mortem* e os registros paroquiais de batismo que dispomos<sup>12</sup>. Outro fator a ser considerado na análise do estado-civil destes cativos foi a não

<sup>11</sup> TEIXEIRA, Adriano Braga. *População, Sistema Econômico e Poder na transição do século XVIII para o XIX em Minas Colonial, Barbacena, 1791/1822*. (Dissertação de Mestrado em História) - Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 125-127; RANGEL, Ana Paula dos Santos. *Nos Limites da Escolha: Matrimônio e Família entre Escravos e Forros. Termo de Barbacena – 1781-1821*. (Dissertação de Mestrado) - Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008. p. 81.

<sup>12</sup> Cabe-nos destacar que o resultado do cruzamento entre a Lista Nominativa de 1831 com as demais fontes por nós mencionadas serão apresentadas em trabalho futuro, visto que ambos os documentos, registros paroquiais de batismo e inventários *post-mortem*, encontram-se ainda em fase de coleta e análise.



constatação de uniões consensuais. Durante os séculos XVIII e XIX eram consideradas como uniões estáveis e legalmente oficializadas, somente aqueles matrimônios que contassem com as bênçãos da Igreja Católica, fazendo com que todas as demais relações estabelecidas por estes cativos, apesar de estáveis e duradouras, não fossem registradas nos documentos analisados<sup>13</sup>.

Caracterizada a população livre e cativa presente na localidade, resta-nos descrever a composição da chefia dos fogos presente nos seis povoados. Ao todo foram analisados 652 fogos, sendo 380 (58%) chefiados por indivíduos brancos e 272 (42%) chefiados por indivíduos não brancos livres<sup>14</sup>. Tanto entre os homens e mulheres brancos quanto dentre os homens e mulheres não brancos livres, a chefia dos fogos foi predominantemente masculina, pois dos 380 proprietários brancos, 314 eram homens e apenas 66 eram mulheres. Já entre os chefes não brancos livres, 215 domicílios contavam com a chefia masculina, e somente em 19% destes fogos as mulheres apareceram como a “cabeça” da residência.

Tais resultados corroboram com as análises de Donald Ramos, que ao verificar os fogos presentes em Vila Rica entre os anos de 1754 a 1838 percebeu que embora as residências chefiadas por mulheres alcançassem números bastante expressivos na localidade, a presença dos homens na chefia das propriedades era ainda preponderante<sup>15</sup>. Situação semelhante foi relatada por Romilda Oliveira Alves, que ao estudar a região de Mariana em Minas Gerais percebeu que os domicílios das áreas rurais eram chefiados majoritariamente por homens, havendo poucos fogos chefiados por mulheres<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Neste sentido ver: FÁRIA, Sheila de Castro. *A Colônia em Movimento*, 1998. p. 325; MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 45; SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos*, 1988. p. 313; SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 313; SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava-Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 156.

<sup>14</sup> No que concerne ao total de fogos chefiados por homens e mulheres brancos e não brancos livres vale ressaltar que dos 529 homens contabilizados como chefes de domicílio, percebemos que 215 eram chefes não brancos livres, ou seja, 40,6% do total de homens chefes de domicílio eram pardos, crioulos, africanos ou mestiços, e 59,4% eram homens brancos. Já entre as mulheres, das 123 chefes de domicílio analisadas, 46,4% eram não brancas livres, e 53,6% eram mulheres brancas. Tais dados poderão ser confirmados por meio da análise da Lista Nominativa de 1831, a qual se encontra atualmente digitalizada e disponibilizada pelo site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

<sup>15</sup> RAMOS, Donald. A mulher e a família em Vila Rica do Ouro Preto: 1754-1838. In: *Anais do Congresso sobre a História da população na América Latina*, 1989, Ouro Preto. São Paulo: Fundação SEADE, 1990. p.155.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Romilda Alves. Mulheres solteiras chefes de domicílio: Mariana 1807 -1822. In: *Associação Nacional de História (ANPUH), XXIV Simpósio Nacional de História*. Anais. São Leopoldo, 2007. p. 5.

Por fim, resta-nos analisar o número de cativos presentes nas propriedades que compunham a localidade. Para melhor perceber a distribuição do contingente mancipio pelos 652 fogos analisados, delimitamos as seguintes estruturas de posse: as propriedades sem nenhum cativo em sua composição social, aqueles domicílios que contavam com um a três escravos em sua estrutura, as propriedades que detinham de quatro a seis mancipios, as que possuíam de sete a dez cativos, e as que contavam com 11 a 15, 16 a 20, 21 a 30 e mais de 30 escravos. O quadro abaixo relewa o tamanho das propriedades encontradas no Alto do Termo da Borda do Campo:

**Quadro 4: O tamanho das propriedades do Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**

POVOADOS	Nenhum Escravo		1 a 3 Escravos		4 a 6 Escravos		7 a 10 Escravos		11 a 15 Escravos		16 a 20 Escravos		21 a 30 Escravos		+ 30 Escravos		TOTAL DE DOMICÍLIOS EM CADA POVOADO
Ibertioga	51		10		9		4		4		4		5		1		88
N.S.C. Ibitipoca	70		23		16		10		7		1		4		1		132
R. Alberto Dias	63		33		14		7		5		2		1		2		127
S. Rita. Ibitipoca	67		20		9		6		15		6		4		2		129
S. do Garambéu	48		16		10		3		2		4		2		1		86
S. Domingos da Bocaina	60		12		3		5		4		1		3		2		90
<b>TOTAL</b>	<b>359</b>	<b>55%</b>	<b>114</b>	<b>18%</b>	<b>61</b>	<b>9%</b>	<b>35</b>	<b>5%</b>	<b>37</b>	<b>6%</b>	<b>18</b>	<b>3%</b>	<b>19</b>	<b>3%</b>	<b>9</b>	<b>1%</b>	<b>652</b>

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

A partir do quadro exposto foi-nos possível perceber que dos 652 fogos analisados, 359 não contavam com a presença de nenhum escravo, ou seja, que 55% dos domicílios presentes na localidade não tinham mão de obra mancipia em sua composição social. Em seguida notamos a presença daqueles proprietários que continham de um a três cativos em suas unidades produtivas, os quais representaram neste contexto 18% dos chefes de domicílio, perfazendo um total de 114 homens e mulheres. Todavia, ainda que a presença

destas pequenas unidades produtivas mostre-se evidente, cabe-nos destacar que nesta localidade houve espaço também para o estabelecimento de médias e grandes propriedades<sup>17</sup>.

Como podemos perceber no Alto do Termo da Borda do Campo houve o predomínio das pequenas propriedades, em especial daqueles domicílios que contavam com a mão de obra de um até três mancipios. A supremacia de pequenas propriedades na região da Comarca do Rio das Mortes pôde ser comprovada também por outros estudiosos, como por exemplo, Adriano Braga Teixeira e Ana Paula Rangel, que ao estudarem a região de Barbacena verificaram a superioridade de unidades produtivas de pequeno porte<sup>18</sup>. Ademais, tais resultados ratificam as constatações de Francisco Vidal Luna e Douglas Libby ao destacarem que no território de Minas Gerais a presença do pequeno proprietário fez-se hegemônica<sup>19</sup>.

### **As escravarias com até três cativos**

A análise da Lista Nominativa para o ano de 1831 permitiu-nos perceber que no Alto do Termo da Borda do Campo houve o predomínio daquelas propriedades sem nenhum ou com até três cativos em sua composição social. Desta forma, após apresentar as características gerais dos seis povoados que compunham a localidade, passaremos a analisar

---

<sup>17</sup> Comumente a historiografia tendeu a designar como “pequenos proprietários” aqueles indivíduos com a posse de cinco a dez escravos. Ver: LIBBY, Douglas. C. As Populações Escravas das Minas Setecentistas: um balanço preliminar. In: RESENDE, Maria. E. L.; VILLALTA, L. C. *História de Minas Gerais. As Minas Setecentistas 01*. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, 2007; FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa ventura: acumulação e hierarquia na Praça do Rio de Janeiro, 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero. *Minas Colonial: Economia e Sociedade*, São Paulo, FIFE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982. Todavia, no nosso caso em específico, elegemos como “pequena propriedade” aquelas unidades que contavam com a presença de até três cativos em sua composição social, pois além da superioridade numérica dos domicílios com a presença de um a três mancipios, acreditamos que a posse de cinco ou mais cativos poderia vir a modificar o nível de produção destes pequenos proprietários, alterando conseqüentemente a estrutura domiciliar e a importância que a mão de obra familiar desempenhou dentro destas unidades.

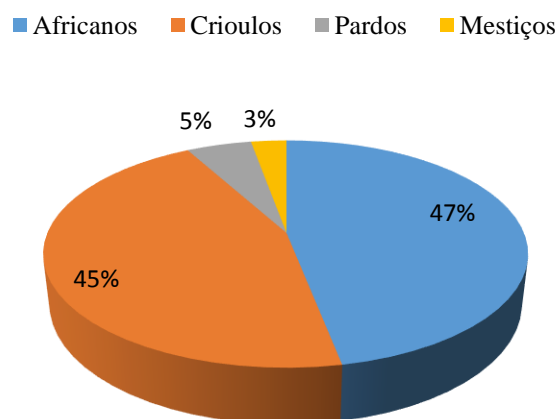
<sup>18</sup> TEIXEIRA, Adriano Braga. *População, Sistema Econômico e Poder na transição do século XVIII para o XIX em Minas Colonial, Barbacena, 1791/1822*, 2007. p. 85; RANGEL, Ana Paula dos Santos. *Nos Limites da Escolha*, 2008. p. 102.

<sup>19</sup> LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos em Minas Gerais (1718), In: BARRETO, A. E.M. et alii. *História Econômica: Ensaio*, São Paulo, IPE/USP, p. 25-41, 1983. p. 35-41; LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista*, 1988. p. 135.

especificamente, aqueles domicílios em que foram constatados a presença de um a três mancipios<sup>20</sup>.

Nesta nova amostragem foram analisados 114 fogos, os quais em conjunto apresentaram um total de 213 escravos entre crianças, adultos e idosos. Destes cativos, 100 foram arrolados como africanos, 96 designados como crioulos, 11 como pardos e seis listados como mestiços. O gráfico abaixo nos apresenta os dados expostos em porcentagem:

**Gráfico 2: Origem Escravos - Propriedades com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



**Fonte:** Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR. \* O gráfico 2 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 114 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social. Desta forma, a proporção de cativos africanos, crioulos, pardos e mestiços foi obtida através da contagem dos 213 escravos que foram contabilizados nestes domicílios.

<sup>20</sup> Vale destacar que todos os dados, quadros e gráficos que serão expostos nesta parte do trabalho referem-se, especificamente, àquelas propriedades que contavam com até três mancipios em sua composição social.

Nestas pequenas propriedades foi-nos possível constatar o predomínio, ainda que diminuto, dos escravos africanos sob os crioulos. Os africanos representaram neste novo contexto 47% da população mancipia, um número bastante expressivo se tomarmos como base o fato desta localidade estar mais afastada dos grandes centros mineradores do século XVIII e ser composta majoritariamente por pequenas propriedades.

No que se refere ao sexo destes cativos, em relação aos mancipios africanos constatamos o predomínio do sexo masculino, com 70 indivíduos homens e apenas 30 mulheres. Já entre os mancipios crioulos notamos um maior equilíbrio sexual, pois dos 96 cativos 46 eram homens e 50 eram mulheres. Dentre os cativos pardos constatamos a presença de oito homens e três mulheres, e entre os mestiços havia quatro mulheres e dois homens.

A razão de sexo encontrada entre os cativos presentes nestes domicílios permitiu-nos inferir que tal como nas demais propriedades existentes na localidade, a reposição da mão de obra nestas pequenas unidades produtivas se dava tanto pela reprodução natural quanto pelo tráfico de escravos. Como vimos anteriormente, o maior equilíbrio sexual encontrado entre os cativos crioulos tornava evidente a reprodução natural existente entre estes mancipios. Já a maior incidência de homens africanos e o conseqüente desequilíbrio sexual existente entre estes escravos, revelaram-nos que estes pequenos proprietários possivelmente utilizavam-se também do acesso ao tráfico de escravos como um dos mecanismos para reposição da mão de obra em suas pequenas escravarias<sup>21</sup>.

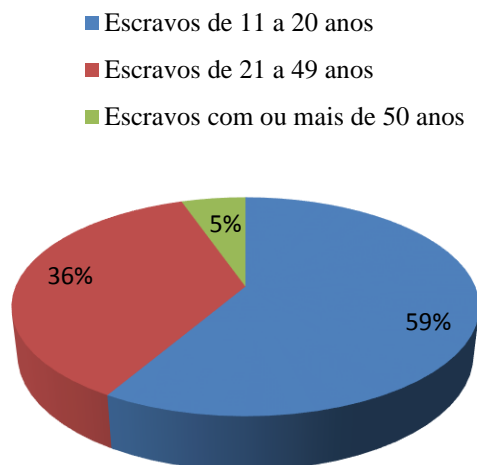
A confirmação de que estes pequenos proprietários recorriam ao tráfico de escravos para manutenção e/ou ampliação de suas unidades produtivas, tornou-se mais evidente ao analisarmos a idade dos mancipios que se encontravam presentes nestes domicílios. Na Lista de 1831 percebemos que a maior parte dos mancipios nascidos no Brasil enquadrava-se na faixa etária de 11 a 20 anos. Já a os cativos africanos, em sua maioria, apresentaram idades

---

<sup>21</sup> A esse respeito ver: MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres*, 1999, p. 262; PAIVA, Clotilde Andrade & BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *População e espaço no século XIX mineiro*, 1995, vol. 1, p. 103.

variáveis entre 21 e 49 anos, ou seja, estavam predominantemente inseridos na categoria de adultos<sup>22</sup>. Tais informações podem ser melhor observadas nos gráficos abaixo:

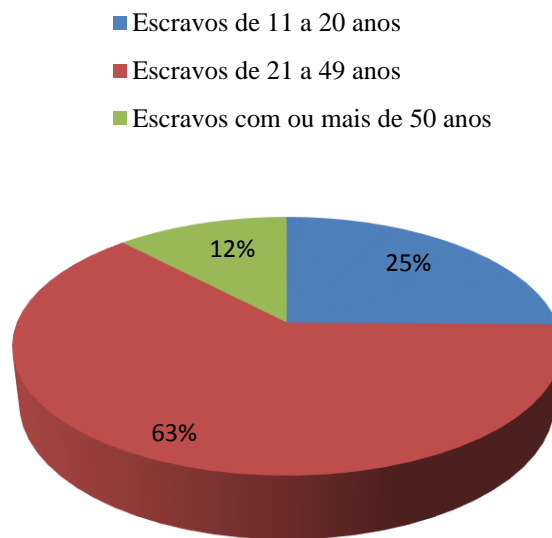
**Gráfico 3: Idade dos escravos Crioulos - Propriedades com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



**Fonte:** Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR. \* **Fonte:** Lista Nominativa, 1831 – CEDEPLAR. \* O gráfico 3 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 114 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social. Desta forma, os dados obtidos referem-se as idades dos 96 crioulos que foram contabilizados nestes domicílios.

<sup>22</sup> A faixa-etária na qual estava inserido um escravo que se encontrava em idade produtiva poderia variar segundo as interpretações de cada autor. O estudioso Iraci Costa localiza a idade ativa entre 15 e 64 anos. Ver: *Arraia Miúda*: um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil. São Paulo: MGSP editores, 1992, p.25. Já o pesquisador Carlos Bacellar desloca essa faixa para entre 8 e 50 anos. Ver: BACELLAR, Carlos de Almeida. *Viver e sobreviver em uma vila colonial*: Sorocaba séculos XVIII e XIX. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2001, p.148. Bergad fala em melhor idade útil para os escravos entre 15 e 40 anos. Ver: BERGAD, Laird. *Escravidão e história econômica*: demografia de Minas Gerais, 1720-1888. Bauru: EDUSC, 2004, p.222. E Stuart Schwartz aponta essa faixa para entre 14 e 44. Ver: SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*, 1988. p. 127.

**Gráfico 4: Idade dos escravos Africanos - Propriedades com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



**Fonte:** Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR. \*  
O gráfico 4 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 114 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social. Desta forma, os dados obtidos referem-se as idades dos 100 africanos que foram contabilizados nestes domicílios.

A análise dos gráficos três e quatro permitiu-nos constatar que 63% dos africanos que compunham as pequenas escravarias do Alto do Termo da Borda do Campo encontravam-se em idade produtiva. Estes escravos em idade produtiva eram considerados mais aptos ao trabalho do que os africanos idosos, mulheres e crianças, possuindo conseqüentemente, um preço aquisitivo mais elevado no mercado. Desta forma, segundo Marcia Mendes Motta, a sua posse por parte destes homens e mulheres detentores de poucos escravos era muito precária, restando a estes pequenos proprietários a compra de mancipios



africanos em idade mais avançada, bem como de mulheres e crianças, por serem os escravos com os preços mais acessíveis<sup>23</sup>. Entretanto, a análise da Lista de 1831 possibilitou-nos encontrar resultados diferentes dos supracitados, uma vez que foi computado um maior percentual de africanos homens na faixa etária de 21 a 49 anos de idade.

No que se refere à presença de crianças, foi-nos possível contabilizar 27 cativos inocentes entre as 114 propriedades analisadas. Destes 27 escravos, apenas quatro foram designados como africanos, 18 como crioulos, quatro como pardos e um como mestiço. O reduzido número de crianças africanas justificar-se-ia pela pequena importação de infantes advindos da África<sup>24</sup>. Já o maior número de crianças nativas, ratifica a hipótese de que o crescimento vegetativo esteve presente entre a população mancipia analisada.

Tais números, além de comprovar que a reposição de mão de obra escrava destes indivíduos livres se dava por meio de duas vias diferentes, natural e via tráfico, abre-nos margem para formulação de algumas questões: Como estes pequenos proprietários residentes em uma área rural, periférica e afastada dos grandes centros mineradores tiveram acesso a estes escravos oriundos da África? Qual a importância e o significado desta aquisição para estes homens e mulheres livres e detentores de poucos escravos?

Como demonstrado no quadro quatro, a maior parte das propriedades que compunha a localidade não apresentava nenhum cativo em sua composição social, o que nos permitiu afirmar que nem todos aqueles homens e mulheres livres e menos abastados tiveram acesso à mão de obra mancipia naqueles povoados. No entanto, em 114 domicílios foi-nos possível constatar a presença de um a três mancipios, revelando-nos que em algum momento ao longo da vida destes indivíduos a compra de escravos lhes foi acessível, possibilitando até mesmo aos mais pobres, inclusive aos pardos que tivessem acumulado algum pecúlio, a aquisição de um ou mais escravos. Outra suposição é que além do possível acúmulo de excedentes, estes africanos poderiam estar sendo adquiridos através de empréstimos feitos com os grandes proprietários da região. Todavia, como os inventários post-mortem

---

<sup>23</sup> MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Pelas "bandas d'além": fronteira fechada e arrendatários escravistas em uma região policultora (1808-1888)*. Dissertação de mestrado. Niterói: UFF, 1989, p. 12-13.

<sup>24</sup> Neste sentido ver: KLEIN, Herbert. O tráfico de escravos africanos para o porto do Rio de Janeiro, 1825-1830. In: *Anais de História*, Assis, n.5, 1973.p.85-101; FLORENTINO, Manolo & GÓES, José Roberto. *A paz das senzalas: Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790 - 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 136.

encontram-se ainda em fase de coleta e análise, torna-se impossível pelo menos por agora, comprovar a veracidade desta hipótese.

Apresentadas a origem, predominância do sexo e idade dos escravos que compunham os seis povoados, buscaremos analisar o estado-civil dos mesmos. Desta forma, dentre os escravos presentes nestas pequenas propriedades foi-nos possível constatar que dos 213 escravos contabilizados, 170 foram designados como solteiros, 18 como casados, 24 intitulados como “sem informação”, e apenas um listado como viúvo. Não obstante, torna-se necessário destacar que os números de escravos casados e solteiros presentes nestas pequenas propriedades não devem ser entendidos como uma representação completamente fidedigna da realidade, uma vez que esbarram nas limitações impostas pelas fontes.

Como já mencionamos, as Listas Nominativas tendiam a listar somente aquelas uniões oficialmente sacramentadas pela Igreja Católica. Porém, como muitos eram os entraves burocráticos impostos à realização dos matrimônios entre os mancipios<sup>25</sup>, mesmo quando as uniões matrimoniais nos moldes cristãos não se tornavam efetivas, estes escravos buscavam constantemente outros meios para formulação de laços familiares, como por exemplo, a realização de uniões consensuais<sup>26</sup>. Este parece ter sido o caso dos cativos que compunham a reduzida escravaria de Tomás da Silva Braga, proprietário casado, de 44 anos, residente no povoado de Nossa Senhora da Conceição do Ibitipoca. Nesta pequena propriedade residia o crioulo Miguel de 49 anos, intitulado como solteiro, a africana Joana de 27, também listada como solteira, e a pequena Delfina, crioula de dois anos, referenciada como “sem informação”.<sup>27</sup>

Ademais, o baixo percentual de escravos casados ratifica a premissa historiográfica de que nas pequenas propriedades os escravos tendiam a se casar menos. Nestas pequenas unidades produtivas, devido ao reduzido número de escravos, fazia-se necessário a busca por parceiros livres ou mancipios residentes em outros plantéis, fator que acabava por minimizar as chances de se legalizar estas uniões. Inversamente, nas grandes propriedades as mulheres

---

<sup>25</sup> CASTRO, Faria, Sheila. *A Colônia em movimento*, 1998, p. 58.

<sup>26</sup> SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor*, 1999, p. 47.

<sup>27</sup> Fonte: Listas Nominativas de 1831 disponibilizadas pelo CEDEPLAR através do site <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

dispunham de melhores e maiores oportunidades de encontrar um parceiro, justificando-se assim o maior percentual de escravos legalmente casados<sup>28</sup>.

Ao contabilizarmos separadamente o estado-civil dos 96 crioulos, 100 africanos, 11 pardos e seis mestiços, nos deparamos com um total de 15 africanos designados como casados, e apenas três crioulos com o mesmo estado-civil. Nenhum dos pardos ou mestiços avaliados apresentou o estado-civil de casados, sendo todos eles designados como solteiros ou “sem informação”. O quadro a seguir apresenta o estado-civil dos 213 cativos contabilizados:

**Quadro 5: Escravos: Estado-Civil – Propriedades com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo – 1831**

<b>Cativos</b>	Crioulos	%	Africanos	%	Pardos	%	Mestiços	%
<b>Casados</b>	3	3,2	15	15	--	--	--	--
<b>Solteiros</b>	78	81,4	81	81	6	54,5	5	83,3
<b>Sem informação</b>	15	15,4	3	3	5	45,5	1	16,7
<b>Viúvos</b>	0	-	1	1	--	--	--	--
<b>Total</b>	<b>96</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>11</b>	<b>100</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014. \* O quadro 5 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 114 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social. Desta forma, os dados obtidos referem-se ao estado-civil dos 213 cativos que foram contabilizados nestes domicílios.

Através do quadro cinco foi-nos possível verificar que a maior parte dos cativos designados como casados eram africanos. Assim, em hipótese e corroborando com a argumentação de João Fragoso, acreditamos que após serem desenraizados de forma violenta pelo tráfico escravo atlântico, estes africanos tinham pressa em constituir laços de sociabilidade na nova terra, buscando parceiros que lhes permitissem a constituição de uma família e, portanto, uma maior integração nos plantéis<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Para maiores informações ver: SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor*, 1999. p. 131; MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres*, 1999. p. 81, dentre outros.

<sup>29</sup> FRAGOSO, João. Elite das senzalas e nobreza da terra numa sociedade rural do Antigo Regime nos trópicos: Campo Grande (Rio de Janeiro), 1704-1741. In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Fatima, Maria, de. (Org). *O Brasil Colonial 1720-1821*. Vol. 3. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 286.

Analisado o perfil dos cativos presentes nestas 114 pequenas propriedades, resta-nos expor o perfil destes homens e mulheres que detinham sob sua posse este reduzido número de cativos. Dos 114 indivíduos computados foram contabilizados 90 chefes de domicílio homens e apenas 24 mulheres, o que corresponde a 78,7% e 21,3% respectivamente. Destes 90 homens, 69 foram designados na Lista Nominativa como brancos, 19 como pardos e apenas dois como crioulos, perfazendo um total de 69 proprietários brancos livres e 21 não brancos livres. No que se refere às mulheres, 11 delas apareceram na Lista como brancas, dez como pardas e três designadas como crioulas. Constatamos assim um total de 11 mulheres brancas livres e 12 proprietárias não brancas livres. O quadro abaixo nos permite uma melhor visualização dos dados:

**Quadro 6: Chefes dos Fogos por sexo e cor – Proprietários com até três cativos – Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**

Cor	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
<b>Branco</b>	69	76,7	11	45,9	80	70,3
<b>Pardo</b>	19	21,1	10	41,5	29	25,4
<b>Crioulo</b>	2	2,2	3	12,6	5	4,3
<b>Total</b>	<b>90</b>	--	<b>24</b>	--	<b>114</b>	<b>100</b>

Quadro elaborado com as informações presentes na Lista Nominativa de 1831, disponibilizada no site: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNominativasOriginais>. Acessado em: 15/05/2014.

\* O quadro 6 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 114 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social. Desta forma, os dados obtidos referem-se ao perfil dos 114 chefes de domicílio que foram encontrados.

Dos 114 proprietários analisados, 70,3% destes homens e mulheres eram brancos, e 29,7% não brancos livres, dentre eles pardos e crioulos. Tais resultados permitiu-nos verificar que tal como na análise geral, dentre os proprietários com até três cativos também prevaleceu àqueles domicílios chefiados por homens brancos. Outra semelhança foi o predomínio dos pardos entre aqueles indivíduos que compunham o grupo dos não brancos livres, uma vez que dos 34 indivíduos não brancos chefes de domicílio, 29 foram listados como pardos e apenas cinco como crioulos.

No que concerne ao estado-civil destes proprietários, foi-nos possível perceber que 82 indivíduos eram casados, nove eram solteiros e 23 eram viúvos. Destes 82 chefes casados, 79 eram homens e apenas três eram mulheres. Já entre os viúvos, foi-nos possível perceber

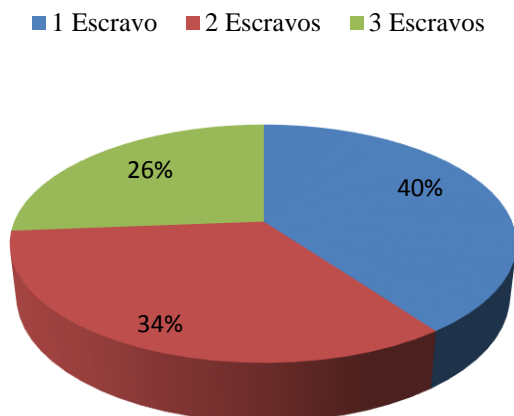
a maior incidência de mulheres assim designadas, uma vez que dos 23 viúvos listados apenas quatro eram homens e 19 eram do sexo feminino. Dentre os solteiros sete eram homens e dois eram mulheres. Tais números permitiu-nos inferir que a maior parte dos proprietários do sexo masculino que continham até três cativos eram casados, viviam com suas famílias e encontravam-se estabelecidos em pequenos domicílios autônomos. Estes fogos eram sustentados principalmente pela produção de subsistência e mantidos pela força do trabalho familiar associado à mão de obra cativa.

Já entre as mulheres que atuavam como chefes de domicílio, houve a superioridade das viúvas, as quais juntamente com seus filhos e escravos mantinham a propriedade. A maior incidência de mulheres viúvas permitiu-nos aventar a hipótese de que após a morte dos cônjuges estas passavam a atuar como as principais responsáveis pelo domicílio, herdando pelo menos em um primeiro momento, a propriedade e os cativos presentes na residência.

No que tange a idade destes homens e mulheres chefes de domicílio, foi-nos possível perceber que a idade média encontrada para os homens foi de 39,6 anos. Destes, 48,9% tinham mais de 40 anos. As mulheres apresentaram idade média superior à dos homens (57 anos), sendo que 54,7% delas tinham idade superior ou igual a 50 anos. Essas mulheres encontravam-se, portanto, em uma fase mais envelhecida do ciclo de vida que os homens proprietários, isto porque como já dissemos, entre elas predominavam as viúvas.

Por meio da Lista Nominativa para o ano de 1831 foi-nos possível também perceber a estrutura de posse destes indivíduos. Como sabemos, as escravarias destes pequenos proprietários contou com a presença de um até três cativos, assim, dos 114 proprietários analisados, 45 apresentaram a posse de apenas um cativo em sua residência, 39 tinham dois escravos e 30 possuíam três mancípios. Para melhor avaliar a estrutura de posse destes pequenos proprietários, analisamos separadamente a composição das escravarias dos chefes brancos e não brancos livres.

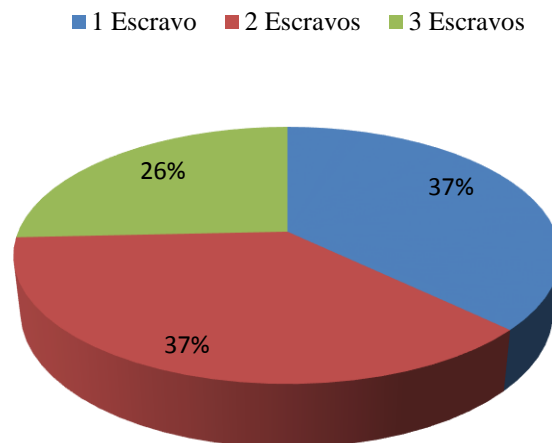
**Gráfico 5: Posse de Escravos dos Chefes Brancos - Proprietários com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



**Fonte:** Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR.

\* O gráfico 5 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 80 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social, chefiadas por homens e mulheres brancos. Desta forma, os dados obtidos referem-se ao número de escravos que se encontravam presentes nestes 80 domicílios.

**Gráfico 6: Posse de Escravos dos Chefes Não Brancos Livres - Proprietários com até três cativos - Alto do Termo da Borda do Campo, 1831**



**Fonte:** Listas Nominativas de 1831/ CEDEPLAR.  
 \* O gráfico 6 foi elaborado a partir da análise da composição sócio-demográfica das 34 pequenas propriedades com a presença de um até três escravos em sua composição social, chefiadas por homens e mulheres não brancos livres. Desta forma, os dados obtidos referem-se ao número de escravos que se encontravam presentes nestes 34 domicílios.

Em estudo recente, ao analisar a região do Paraná, Cacilda Machado constatou que os domicílios dos não brancos livres tendiam a ser menores, uma vez que aparentemente os proprietários brancos tinham uma maior capacidade de comportar parentes, agregados e incorporar escravos em suas residências<sup>30</sup>. O mesmo não pôde ser afirmado para o Alto do Termo da Borda do Campo, uma vez que tanto dentre os proprietários brancos, como entre os chefes não brancos livres houve o predomínio daquelas propriedades que contavam com a presença de somente um cativo em sua composição social.

Quanto à ocupação destes pequenos proprietários e cativos, só tivemos acesso a estas informações em duas das seis Listas Nominativas por nós analisadas<sup>31</sup>. Deste modo, apenas

<sup>30</sup> MACHADO, Cacilda. *Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, na passagem do século XVIII para o XIX*. Topoi (Rio de Janeiro), v. 9, 2008, p. 11.

<sup>31</sup> A omissão destes dados parece ter sido uma constante, sendo destacada também por Godoy e Paiva. Estes autores ressaltaram que entre as variáveis do Censo de 1831, as informações sobre a ocupação dos habitantes



temos dados referentes à profissão desempenhada por estes indivíduos nos povoados de Ribeirão de Alberto Dias e Santana do Garambéu. Dos 49 proprietários analisados, 37 eram homens e 12 eram mulheres. Destes 37 homens, 17 tiveram a profissão designada como “de roça”, cinco foram descritos como lavradores, três como fazendeiros e três como carpinteiros. Além destes constatamos a presença de dois jornaleiros, dois agentes, um negociante, um rancheiro, um agricultor e um sapateiro. Das 12 mulheres analisadas, obtivemos informação somente para seis, das quais cinco foram listadas como fiadeiras e uma como costureira.

Como não dispomos destas informações para os outros quatro povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo, torna-se inviável deduzir ou inferir qualquer raciocínio prévio, todavia, tomando como base a avaliação dos dados expostos, cabe-nos destacar alguns pareceres iniciais. Como vimos, a maioria dos proprietários homens nestes dois povoados desempenhavam as ocupações “de roça” ou lavradores, resultados já presumíveis, uma vez que esta era uma localidade composta por pequenas propriedades que além de estarem voltadas para o abastecimento interno, encontravam-se mais distante dos grandes centros de revenda de produtos locais.

Em relação às ocupações femininas, alguns autores têm destacado a importância das atividades têxteis como a fiação, tecelagem e a costura desempenhada pelas mulheres nestes pequenos domicílios<sup>32</sup>. Como afirmou Sílvia Brugger, estas atividades têxteis eram compatíveis com as demais atribuições designadas às mulheres, pois além de serem executadas no recôndito do lar, em alguns casos podiam também contribuir na manutenção destas pequenas propriedades<sup>33</sup>.

No que concerne às profissões desempenhadas pelos cativos nestes dois povoados, constatamos que das 31 mulheres analisadas, 21 escravas foram listadas como fiadeiras, duas

---

presentes nos domicílios representaram o maior desafio de se trabalhar com esta fonte histórica. Segundo os mesmos, a complexidade das categorias apresentadas, a diversidade dos padrões informativos e principalmente, a inexistência de parâmetros ou técnicas dos recenseadores, acabaram por inviabilizar a consistência destas informações, criando uma grande lacuna no que se refere às atividades de ocupação desempenhada pelos chefes e demais membros da unidade domiciliar. Ver: GODOY, Marcelo Magalhaes; PAIVA, Clotilde Andrade. Um estudo da qualidade da informação censitária em listas nominativas e uma aproximação da estrutura populacional da província de Minas Gerais, 2010. p. 163.

<sup>32</sup> LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista*, 1988, p. 187-199.

<sup>33</sup> BRUGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal*, 2007. p. 229.

como cozinheiras e uma como costureira. Para as outras sete mulheres não obtivemos nenhuma informação quanto as suas ocupações. Dentre os cativos homens, dos 43 mancípios computados, 22 tiveram a profissão designada como “de roça”, cinco foram descritos como lavradores, dois como ferreiros e um como carpinteiro. Para os demais cativos homens presentes nestes dois povoados a Lista Nominativa não nos forneceu qualquer informação.

Podemos perceber que como entre as mulheres chefes de domicílio, entre as escravas também houve o predomínio da profissão de fiadeiras. Tais dados nos permitiu inferir, que ao menos nestes dois povoados, estas atividades têxteis estavam disseminadas entre as mulheres de diferentes grupos sociais presente na localidade, o que tende a confirmar a importância do trabalho feminino para a manutenção destas pequenas unidades produtivas.

Vale ressaltar por fim, que mesmo se tratando de um ambiente rural, para os escravos a especialização de um ofício podia significar uma forma de distinção social, uma vez que como afirmou Stuart Schwartz, a realização de tarefas específicas podia contribuir para produção de excedentes no domicílio, sendo possível a estes mancípios conseguir em alguns casos, até mesmo a aquisição de pequenos rendimentos resultantes de seus aperfeiçoamentos profissionais<sup>34</sup>.

### **Considerações Finais**

A Lista Nominativa de Habitantes de 1831 permitiu-nos avançar um pouco mais no conhecimento da população livre e escrava da Província de Minas Gerais no século XIX. Por meio da análise desta fonte documental, foi-nos possível analisar as principais características sócio-demográficas dos seis povoados que compunham o Alto do Termo da Borda do Campo, contribuindo para um melhor entendimento a cerca da composição social da população presente nas áreas mais afastadas da Comarca do Rio das Mortes.

Inicialmente optamos por apresentar os aspectos gerais destes seis povoados, englobando na análise os 652 fogos presentes no local. Este levantamento geral nos possibilitou perceber que esta era uma localidade composta primordialmente por aquelas

---

<sup>34</sup> SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos*, 1988, p. 45 – 59.

propriedades que não contavam com a presença de nenhum cativo em sua composição social, seguido por aqueles domicílios que contavam com a existência de um a três mancípios.

Ademais, esta análise geral permitiu-nos constatar também que embora esta fosse uma área mais afastada dos grandes núcleos mineradores do século XVIII, com a produção voltada para a subsistência e a presença hegemônica de pequenas propriedades, houve também espaço para a inserção de indivíduos mais abastados com um considerável cabedal de escravos. Tais dados nos permitiu inferir que a escravidão foi uma instituição altamente difundida também em economias de abastecimento interno, como era o caso do Alto do Termo da Borda do Campo.

Mais especificamente, na análise das propriedades que continham de um a três cativos foi-nos possível verificar através dos 114 domicílios avaliados, o predomínio, ainda que diminuto, dos cativos africanos sob os crioulos. Estes resultados permitiu-nos concluir que apesar do alto custo despendido para adquirir escravos oriundos da África, estes pequenos proprietários recorriam também a esta mão de obra, utilizando-se do tráfico como uma das ferramentas para reposição de suas reduzidas escravarias.

Por meio da caracterização dos proprietários que continham até três cativos foi-nos possível identificar diversos aspectos acerca destes indivíduos, dentre os quais a baixa representatividade das mulheres atuando como chefes de domicílio, bem como a maior incidência de homens brancos, casados, com idade superior a 40 anos. No que concerne à estrutura de posse existente nestas pequenas unidades, constatamos a maior incidência daqueles domicílios com a presença de apenas um cativo, tanto entre os indivíduos brancos, quanto entre os não brancos livres.

Por fim, e como foi ressaltado ao longo do presente trabalho, esta é uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento, sendo, portanto, o ponto inicial para futuras reflexões e análises. Vale advertir também, que a escolha da Lista Nominativa representa um corte no tempo e no espaço, ou seja, os dados apresentados se referem especificamente as características desses povoados no ano de 1831, não podendo ser estes resultados considerados válidos para os anos anteriores ou subsequentes a esta data.